

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Adriana Chaves do Nascimento Rodrigues¹
Eduardo Alves Cardoso²

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil vemos a emergência nas discussões a respeito dos preconceitos raciais a que os (as) negros (as) são vítimas em nossa sociedade. As desigualdades raciais são uma realidade viva, e estão presentes na família, na mídia e na escola, ou seja, esta intimamente presente em nosso cotidiano, se contrapondo assim ao mito de que ainda existe democracia racial no Brasil.

As práticas racistas estão impregnadas de forma sutil, e nem tão sutil, na educação formal brasileira. Podemos observar isso de forma mais explícita nos conteúdos dos livros didáticos utilizados por professores (as) que atuam na educação básica. Esses conteúdos tendem a mostrar de forma negativa o cotidiano dos (as) negros (as), como também apresentam apenas o continente africano como pobre e miserável. Difundindo assim a ideologia de inferioridade dos (as) negros (as) em relação aos brancos.

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre estudantes, professores, direção da escola, mas também o forte racismo repassado através dos livros didáticos. Não esquecendo, ainda, do racismo institucional, refletido através de políticas educacionais que afetam negativamente o negro. (SANT'ANA, 2005, p.42)

Os conteúdos dos livros didáticos de História e Geografia têm contribuído de forma significativa para a construção do racismo e da prática de preconceitos raciais em sala de aula. A partir de leituras de alguns livros utilizados no ensino fundamental das redes públicas e privadas de ensino percebemos que a imagem do (a) negro (a) abordada nesses conteúdos está ligada a escravidão, mas ainda é tratada de modo superficial. As imagens dos (as) negro (as) nos livros didáticos são apenas representações de uma

¹ Universidade Estadual da Paraíba/Campus de Guarabira: adriana.historiauepb@gmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba/Campus de Guarabira: eduardocardoso.ag@gmail.com

historiografia tradicional eurocêntrica, que ofusca verdades sobre a resistência e a rebeldia negra contra a situação desumana do período escravocrata no Brasil.

Ao analisar alguns livros didáticos podemos discutir o preconceito racial, a partir de conteúdos e de imagens que tratam os (as) negros (as) e a África. Desta forma concordamos com Valente ao afirmar que (1987, p. 31):

As relações desiguais presentes na sociedade ocupou todos os espaços, mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação racial podem ser notados nas relações pessoais e até nos livros didáticos. A estrutura escolar também não está preparado para lidar com esse tipo de problema.

A lei 10.639/03, que altera a lei federal 9.394/96 (que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional), passou a vigorar acrescida dos seguintes artigos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particularidades, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º - O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2º - Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

OS ESTERÍÓTIPOS SOBRE A ÁFRICA, OS NEGROS E NEGRAS

Tendo como referência para análise as obras de História dos seguintes autores Rodrigues (2001) e Apolinário (2004) e as obras de Geografia dos seguintes autores Vesentini e Vlasch (2003) e Danelli (2007). Nesses livros verificamos os conteúdos relacionados aos negros (as) e também ao continente africano. Nesse exercício contemplamos as representações por meio das imagens.

A África é abordada nos livros didáticos analisados. Em linhas gerais esses livros traçam um perfil da África sobre os mais diversos aspectos, tais como o relevo, a economia e o subdesenvolvimento. Porém outra abordagem é exposta no livro de forma abrangente e é discutida, qual seja, a “miserabilidade” enfrentada pela população

africana, como também os elevadíssimos índices de pessoas soros positivas naquele continente. Porém a sutileza dos textos em nada se compara as imagens dos (as) negros postadas nos referidos livros, as representações dessas populações ilustradas por fotos estão dotadas de estereótipos, mostrando apenas o lado negativo e incitando a inferioridade do negro.

Estereótipos são preconceitos cristalizados em imagens ou expressões verbais. Consistem em aprender de maneira simplista e reduzida os grupos humanos, atribuindo-lhe traços de personalidade ou comportamentais. Por exemplo: os negros são preguiçosos; os orientais são pacientes; os brasileiros gostam de samba; as mulheres dirigem mal, etc. (BORGES, 2002, p. 53).

Sendo assim, verificamos a sutileza com que os livros didáticos analisados, principalmente os de História, tratam a escravidão no Brasil, relacionando o negro a uma imagem negativa, de um ser passivo e inferior. São inúmeros os estereótipos encontrados nas obras de Rodrigue (2001) e Apolinário (2004), ambos são livros didáticos utilizados no ensino fundamental. Esses conteúdos trazem textos repetitivos sobre a escravidão, mostrando a “passividade” do negro frente a situação desumana imposta pelos seus “donos” (termo do livro didático). A repetição desses conteúdos unidos a falta de contextualização por parte dos (as) professores (as), só reforçam a imagem negativa do (a) negro (a).

Outro problema presente nos livros, principalmente nas obras Danelli (2007) e Vesentini e Vlasch (2003) de Geografia, é a forte repetição de ilustrações dos (as) negros (as) como escravizados (as). As ilustrações sobre a África nesses livros a princípio são belas, são representações cartográficas sobre o relevo, os recursos minerais, sobre os blocos econômicos, entre outros. Porém as ilustrações ou gravuras mostram a população negra de forma extremamente negativa. Em algumas mostram negros e negras trabalhando em minas, em garimpos, em plantações de algodão e na mais absurda de todas, representada no livro de Danelli (2007), temos uma enfermeira com algumas crianças, o texto abaixo dessa foto diz: “Assistente de um hospital explicando como funciona o teste de HIV a crianças filhas de uma mulher soropositiva (África do Sul, 2004)”. É impressionante vermos que é sempre essa a imagem que esses livros didáticos transmitem para os alunos, a África rica, sua cultura, sua culinária, seus aspectos econômicos positivos, sua rica fauna são sempre esquecidos, dando espaço apenas a uma visão cristalizada de uma África pobre e miserável.

Esses autores, ao tratar do período colonial brasileiro, não mostram o quanto o negro foi importante para que houvesse tal engrandecimento da metrópole brasileira. Pouco trata as qualidades dos (as) negros (as), mesmo que forçado, de suas atividades, e de como eles foram os grandes responsáveis pelo avanço econômico do Brasil na época, como nos afirma Valente (1987, p.15):

Durante o dia trabalhavam duro na lavoura. Outros se dedicavam aos trabalhos em bronze, cobre, ouro e madeira; outros ainda eram tecelões, ferreiros e criavam animais de subsistência. Isso explica por que os negros são considerados a base da colonização do Brasil. Sem eles não existiria Brasil. Eram os escravos que fabricavam os móveis e utensílios da casa-grande; os tecidos mais grosseiros eram confeccionados por eles e mais tarde; no ciclo do ouro, o braço escravo foi amplamente utilizado como minerador e ourives.

Podemos afirmar que os conteúdos e as ilustrações não retratam com profundidade a escravidão como de fato ela ocorreu no Brasil. É nítido observarmos que nesses conteúdos os negros sejam lembrados apenas quando se fala em escravidão, a imagem recorrente não se preocupa em desconstruir as imagens negativas, o que faz com que a importância do (a) negro (a) na construção da identidade nacional seja esquecida.

VISÃO EUROCÊNTRICA: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

Para que o ser humano possa construir sua própria identidade faz-se necessário conhecer a si mesmo e ao outro. Segundo Gomes (1996, p. 88) o indivíduo constrói sua identidade tendo como referência o outro. Sendo assim, a ausência da abordagem em sala de aula da temática da diversidade etnicorracial contribui de forma substancial para a renegação do negro (a) a sua própria história, como também o surgimento de preconceitos raciais. Toda essa problemática fazem-nos perceber que a educação no Brasil não contribui para a construção da democracia racial, como nos afirma Cavalleiro (2001, p. 85):

Nos últimos anos, alguns estudos tem demonstrado que o acesso e a permanência bem sucedida na escola variam de acordo com a raça/etnia da população. Ao analisarmos as trajetórias escolares dos/as alunos/as negros/as, as pesquisas revelam que essas apresentam-se bem mais acidentadas do que os percorridos pelos/as alunos/as brancos/as. O índice de reprovação nas instituições públicas também demonstra que há uma estreita relação entre a educação escolar e as desigualdades raciais na sociedade brasileira.

O grande problema dos livros didáticos analisados, tanto de História quanto de Geografia, é a insistência com que os mesmos associam a imagem do (a) negro (a) a de escravo (a), através principalmente de ilustrações. Evidentemente o passado não poderá ser apagado, porém a falta de problematização das representações, na maioria das vezes, leva o aluno a ver o (a) negro (a) como um ser inferior, subalterno e subserviente. Essa visão fica incutida na cabeça do (a) aluno (a), mesmo após mais de 122 anos do fim da escravidão. Como nos afirma Lima (2005, p. 103):

Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma interiorização datada. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade [da criança negra] com essa caracterização, que embrulha noções de atraso.

O continente africano e o passado de suas populações são pouco retratados nos livros didáticos analisados. Há uma forte presença de conteúdos sobre o período colonial brasileiro, podemos observar isso mais fortemente nos livros de história. Já os livros didáticos de geografia adotados para essa pesquisa tratam também o negro a partir da escravidão, porém o cotidiano dos (as) negros (as) na atualidade é representado de modo preconceituoso, associando-o as funções sociais inferiores e mostrando a África como rústica e atrasada.

A representação do (a) negro (a) no livro didático é também retratada por Rosemberg (2003, p. 133):

[...] a não representação de personagens negros na sociedade descrita nos livros; a representação do negro em situação inferior à do branco; o tratamento da personagem negra com postura de desprezo; a visão do negro como alguém digno de piedade; o enfoque da raça branca como sendo a mais bela e a de mais poderosa inteligência.

Sendo assim, é importante salientarmos que a escola se destaca na construção das identidades dos (as) alunos (as). A não aceitação da história do (a) negro tem como fator primordial a interiorização, transcrita e representada em alguns livros didáticos, que ainda adotam a visão eurocêntrica e equivocada, ocultando outras histórias da população negra.

O racismo a brasileira é considerado algo sutil, não explícito. O grande problema de não haver o fim do racismo é o fato de não admitir-se que ele exista, e como sabemos, ele existe. Muitos adotam o discurso de que em nosso país só existe

problema de classe, isto é, entre pobres e ricos. Porém para tanto se faz necessário analisarmos que são esses pobres? E quem são esses ricos? Podemos ter essas respostas nos próprios livros didáticos, pois os mesmos insistentemente mostram os (as) negros (as) em funções de baixo escalão, como pobres e miseráveis, como seres incapazes de subir na vida, colocando-o sempre a margem da sociedade.

A incapacidade era em geral atribuída à recente experiência da escravidão por parte da população negra, entretanto, durante esta época de Darwinismo social, racismo científico, estas explicações tendiam a se confundirem sutilmente – e as vezes não tão sutilmente, em afirmações sobre a incapacidade dos negros, tendo como base a herança racial. (ANDREWS, 1998, p. 210).

Esse racismo silencioso e sutil também está presente em todo ambiente escolar, há uma falta de interesse em discutir na sala de aula sobre a cultura e história afro-brasileiro porque essa é a história do outro. Não existe uma identificação do docente com a história dos vencidos, ou seja, da população negra.

As desigualdades raciais que acontecem historicamente na sociedade brasileira foram, aos poucos, sendo naturalizadas. Esse processo contribuiu para a produção de uma reação perversa entre nós: ao serem pensadas como processos naturais, essas desigualdades tornam-se imperceptíveis. E, mesmo quando percebemos, muitas vezes não reagimos a elas, pois nosso olhar docente e pedagógico está tão “acostumado” com essa realidade social e racial na escola, que tendemos a naturalizá-la e não questionarmos (GOMES, 2004, P. 84-85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático, no caso, de História e Geografia, são recursos que ajudam para a construção dos conhecimentos sobre as temáticas abordadas nessas duas disciplinas. Porém não devem ser o único elemento de construção e transmissão de conhecimentos. Não há, por parte da maioria dos professores, a problematização de tais conteúdos e ilustrações ou gravuras. O negativismo transcrito nesses livros sobre os (as) negros (as) são repassados aos alunos sem que exista uma reflexão sobre possíveis estereótipos.

Transcorrido sete anos desde a promulgação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Currículo oficial das escolas do ensino fundamental e médio, percebemos que pouco foi feito para que a lei seja de fato efetivada na prática. Esta lei contribui para a educação multicultural,

onde prevaleça a diversidade etnicorracial no currículo das escolas, respeitando assim a pluralismo cultural. Esta questão é fruto dos movimentos negros que lutam para por fim ao racismo e a discriminação contra pessoas negras dentro e fora do ambiente escolar, já que a sala de aula é um lugar onde habita múltiplas diversidades culturais.

Sendo assim, faz-se necessário capacitar e qualificar os docentes. E isso só será possível através de materiais didáticos apropriados, palestras, cursos de extensão, entre outros, para que os mesmos proporcionem aos alunos através de sua prática a reflexão sobre desigualdades raciais construídas historicamente no espaço escolar. Assim, a escolar estará assumindo seu papel ante a sociedade como transformadora, cidadã e conscientizadora da importância do outro como sujeito histórico na formação da identidade nacional.

O material didático utilizado pelos profissionais da educação é importantíssimo para a desconstrução do olhar eurocêntrico e positivista permeado ao longo dos anos, tanto no discurso dos educadores quanto no livro didático. Enfim, o livro didático precisa ser reescrito e recontado, já que o próprio contribuiu para a visão excludente e preconceituosa.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru/São Paulo: Edusc, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2005.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos A.; D'ADESKY, Jacques. **Racismo, Preconceito e Intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e anti-racismo na educação: Repesando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: SECAD/MEC, p. 101-116.

ROSEMBERG, Fluvia; Bazilli, Chirley; Silva, Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate**: uma revisão da literatura. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. 2001. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: SECAD/MEC, 2005, P. 39-68.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **História**. 6ª série. São Paulo: Moderna, 2004.

DANELLI, Sônia Cunha de. **Geografia**: Ensino fundamental de nove anos, 9º ano (8ª ser.). São Paulo: Moderna, 2007.

RODRIGUE, Joelza Ester. **História em documento**: Imagem e texto. 5ª a 8ª séries. São Paulo: FTD, 2001.

VESENTINI, José Wiliam; VLACH, Vânia. **Geografia Crítica**: espaço natural e a ação humana, 6ª série. São Paulo: Ática, 2003.